

Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ

que nada tinha importância, nem a Fôrça Pública, nem o violão de seu Nhônhô, nem mesmo as águas sulfurosas. Acima de tudo pairava o divino lombo de porco com tutu de feijão. O lombo era macio e tão suave que todos imaginamos que o seu primitivo dono devia ser um porco extremamente gentil, ex-poente da mais fina flor da espiritualidade suína. O tutu era um tutu honesto, forte, poderoso e saudável.

É inútil dizer qualquer coisa a respeito dos torresmos. Eram torresmos trigueiros como a doce amada de Salomão, alguns loiros, outros mulatos. Uns estavam molinhos, quase simples gordura. Outros eram duros e enroscados, com dois ou três fios.

Havia arroz sem colorau, couve e pão. Sobre a toalha havia também copos cheios de vinho ou de água mineral, sorrisos, manchas de sol e a frescura do vento que sussurrava nas árvores. E no fim de tudo houve fotografias. É possível que nesse intervalo tenhamos esquecido uma encantadora lingüiça de porco e talvez um pouco de farofa. Que importa? O lombo era o essencial, e a sua essência era sublime. Por fora era escuro, com tons de ouro. A faca penetrava nêlo tão docemente como a alma de uma virgem pura entra no céu. A polpa se abria, levemente enfiada, muito branquinha, desse branco leitoso e doce que têm certas nuvens às quatro e meia da tarde, na primavera. O gôsto era de um salgado distante e de uma ternura quase musical. Era um gôsto indefinível e puríssimo, como se o lombo fôsse lombinho da orelha de um anjo loiro. Os torresmos davam uma nota marítima, salgados e excitantes de saliva. O tutu tinha o sabor que deve ter, para uma criança que fôsse "gourmet" de tôdas as terras, a terra virgem recolhida muito longe do solo, sob um prado cheio de flôres, terra com um perfume vegetal diluído mas uniforme. E do prato inteiro, onde havia um ameno jôgo de côres cuja nota mais viva era o verde molhado da couve — do prato inteiro, que fumegava suavemente, subia para a nossa alma um encanto abençoado de coisas simples e boas. Era o encanto de Minas.

SONETO DA INFÂNCIA

EDISON MOREIRA

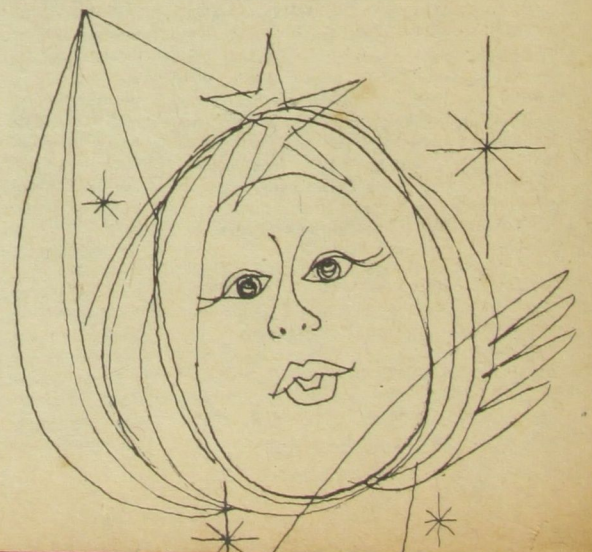
*Por sortilégio de Pirlimpimpim,
surprenderam-me em sonho esta manhã
os filhos de Perrault, Andersen, Grimm,
clamando pela Infância — sua irmã.*

*Eu que supunha já ter pôsto fim
a êsses amigos, na memória anciã,
eis-me de novo diante de Aladim,
Pinóquio, Chapelinho, Peterpã...*

*Que pretendeis da Infância? (assim lhes falo)
voltai à paz do vosso azul castelo;
que ao colo de Mãe Preta, em doce embalo,*

*ela dorme tranqüila dentro em mim:
— não façais mais rumor, Polichinelo,
e apaga a tua lâmpada, Aladim...*

Edison Moreira, mineiro da nova geração (de seis em seis meses, há sempre uma nova geração literária em Minas) vive em Belo Horizonte, onde publicou "Cais da Eternidade", edições Manti-quieira, 1951.



Almôço mineiro

Éramos dezesseis, incluindo quatro automóveis, uma charrete, três diplomatas, dois jornalistas, um capitão-tenente da Marinha, um tenente-coronel da Fôrça, um empresário do casino, um prefeito, uma senhora loira e três morenas, dois oficiais de gabinete, uma criança de colo e outra de fita côr-de-rosa que se fazia acompanhar de uma boneca.

Falamos de vários assuntos inconfessáveis. Depois de alguns minutos de debates ficou assentado que Poços de Caldas é uma linda cidade. Também se deliberou, depois de ouvidos vários oradores, que estava um dia muito bonito. A palestra foi decaindo, então, para assuntos muito escabrosos: discutiu-se até política. Depois que uma senhora paulista e

outra carioca trocaram idéias a respeito do separatismo, um cavalheiro ergueu um brinde ao Brasil. Logo se levantaram outros, que, infelizmente, não nos foi possível anotar, em vista de estarmos situados na extremidade da mesa. Pelo entusiasmo reinante supomos que foram brindados o soldado desconhecido, as tardes de outono, as flôres dos vergéis, os proletários armênios e as pessoas presentes. O certo é que um prêto fazia funcionar a sua harmônica, ou talvez a sua concertina com bastante sentimento. Seu Nhônhô cantou ao violão com a pureza e a operosidade inerentes a um velho funcionário municipal.

Mas nós todos sentíamos, no fundo do coração,